

TRADUÇÃO

INTEGRATING NEOCLASSICAL COMBINING FORMS INTO A LEXEME-BASED MORPHOLOGY¹

Dany AMIOT
(Université d'Artois, Arras & Grammatica)

Georgette DAL
UMR 8163 STL ("Savoirs, Textes, Langage"), CNRS
& Universities of Lille 3 and Lille 1

INTEGRANDO FORMAS NEOCLÁSSICAS DE COMBINAÇÃO EM UMA MORFOLOGIA BASEADA EM LEXEMA

Katia Emmerick ANDRADE
(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Carlos Alexandre GONÇALVES
(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é contribuir para descrição de uma parte das então chamadas formas combinatórias (FCs) - tais como *anthrop-*, *-logue*, *lud-* em "ANTHROPOLOGUE ("antropólogo") e LUDOTHÈQUE ("game library" – "biblioteca de jogos"), no Francês atual, a partir da morfologia baseada em lexemas. Vamos considerar apenas um tipo de FCs, as FCs chamadas de neoclássicas (BAUER, 1983; LÜDELING *et al.* 2002) ou de FCs clássicas (Fradin, 2000), que podem ser caracterizadas pelas quatro seguintes propriedades:

- lexematicidade em línguas de origem: em latim ou grego, eram geralmente lexemas com palavras gramaticais associadas (por exemplo, LUDUS, de Thomas d'Aquino: "Ludus est necessarium vitae humanae ad conversationem").

- ausência de realização sintática na língua-alvo: em Francês (Inglês, Alemão, e assim por diante), FCs neoclássicas só podem aparecer como constituintes presos a lexemas, isto é, não se anexam a palavras gramaticais da língua-alvo. Por exemplo, em Francês: **J'ai vu un antropo(e) avec un chapeau* (*Eu vi um antropo com um chapéu); **Les enfants aiment les lud(e)s* (*crianças adoram jogos").

- tipo de vocabulário que serve para formar: geralmente, as palavras complexas em que eles parecem pertencer ao vocabulário utilizado em campos científicos ou técnicos: medicina ("

¹ AMIOT D.; DAL G. Integrating neoclassical combining forms into a lexeme-based morphology. In: G. Booij, *et al.* (eds.), *On-line Proceedings of the Fifth Mediterranean Morphology Meeting (MMM5)*. Fréjus 15-18 September 2005, University of Bologna, 2007. URL <http://mmm.lingue.unibo.it/>.

Integrating neoclassical combining forms into a Lexeme-based morphology

LAPAROSCOPIE (“laparoscopia”), “BACTÉRIOLOGIE” (“bacteriologia”), física (LITHOSPHERE “itósfera”), tecnologia “CHRONOGRAPHE” (“cronógrafo”) etc.

- presença de uma vogal de ligação (*o* ou *i*) entre os dois componentes no contexto fonológico / ... CfCi ... / em que C_f e C_i são consoantes em posição final do primeiro constituinte e posição inicial do segundo componente, respectivamente: em Francês, afirma-se que *-o-* aparece, geralmente, quando pelo menos um dos constituintes é de origem grega - ludothèque, cassetothèque -, e *i* quando pelo menos um tem origem latina - *omnivore*, *herbicide*. Mas o *-o-* é mais comum do que o *-i-* porque também só aparece quando um constituinte é de origem grega (como em LUDOÉDUCATIF “edutainment”, CYTOCHIMIE “cytochemistry”) ou com FCs não-neoclássicas (como em AFRO-CUBAIN “Afro-Cuban”, ELECTROAIMANT “electromagnet”).

Este conjunto de propriedades parece estabelecer uma classe bem definida de elementos homogêneos, mas já mostramos que eles não são tão homogêneos como podem aparecer. Por exemplo, nem todos as FCs neoclássicas têm as mesmas restrições de posição: algumas delas podem aparecer em posição inicial ou final (*anthrop* em “ANTHROPOPHAGE” (“canibal”) *vs.* AFRICANANTHROPE (“fóssil de pré-homídeo descoberto na África Oriental”), algumas apenas em posição inicial, como *micro-* em MICROORGANISME (“microorganism”) ou “MICROAMPERE” (“microampere”); e outras apenas em posição final (*vore* em OMNIVORE (“onívoro”) ou “PUBLIVORE” (“devorador de publicidade”).

Nossos estudos anteriores sobre as FCs neoclássicas indicam que tais formativos são tudo menos homogêneos, mesmo que os autores tenham basicamente tentado provar a existência de uma categoria especial para esses elementos. Nossa perspectiva é ligeiramente diferente a partir dessas abordagens: a categorização das FCs não será o nosso principal objetivo; o que vamos fazer é examinar se as unidades básicas da morfologia baseada em lexemas, lexemas e expoentes de regras de construção de lexema (afixos, fenômenos não-segmentais ou supra-segmentais) podem dar conta das FCs neoclássicas, ou se um novo tipo de unidade é necessário.

Os pressupostos que defendemos aqui são (i) FCs neoclássicas não são categorias homogêneas, não são todas do mesmo tipo e não podem ser analisadas da mesma maneira, (ii) as noções fornecidas pela morfologia baseada em lexema são suficientes para analisar as FCs neoclássicas. Como resultado, nos deparamos com as seguintes perguntas: as FCs neoclássicas pertencem ao Francês (Inglês, Alemão etc.) ou ao Latim e / ou Grego? Elas são parte de uma ação internacional comum para a maioria das línguas indo-europeias?

2. ABORDAGENS ANTERIORES

Análises anteriores de FCs neoclássicas variam de acordo com os critérios levados em conta: a natureza vinculada a esses elementos, se sua posição é fixa ou não, a sua natureza semântica (lexical ou gramatical), suas propriedades fonológicas etc. Outro importante fator é se esses critérios são considerados separadamente ou em conjunto. De modo geral, essas análises levaram a quatro resultados principais: (i) FCs neoclássicas são afixos, (ii) raízes/radicais², (iii) raízes/radicais em alguns casos e em outros afixos, (iv) não são afixos nem raízes.

² Na apresentação das abordagens anteriores, não se faz distinção entre os dois termos, que são muitas vezes utilizados como equivalentes pelos autores que se referem.

- FCs neoclássicas são consideradas afixos quando o único critério levado em conta é a sua fixidez; Williams (1981) ou Bauer (1979) propõem este tipo de análise. Para Bauer (1979), por exemplo, *anglo-*, *bio-* ou *electro-* são prefixos em, respectivamente, *Anglo-Indian*, *biochemistry* e *electrocardiogram*, e *-crat* e *-phile* são sufixos em *bureaucrat* e *audiophile*. Assim, palavras como *biocrat* ou *electrophile* parecem “ser constituídas de um prefixo e um sufixo, mas não têm raiz” (*op. cit.*, 509). Análises desse tipo têm sido criticadas, por exemplo, por Scalise (1984: 75-76) e pelo próprio L. Bauer³, que desafiam a ideia de que um complexo pode ser formado pela junção de um prefixo a um sufixo. Quando os estudiosos levam em conta outros critérios, como o semântico e o posicional, os resultados da análise são diferentes, mas não necessariamente homogêneos;
- Booij (1992), por exemplo, considera que FCs neoclássicas não são afixos, mas sim “raízes não nativas”, a partir de dois padrões básicos: “raiz + X” (em que X é uma palavra existente não nativa, tais como *física* em *astrofísica*) e “raiz + raiz” (por exemplo, *psicografia*). Plag (2003) adota uma análise semelhante: para ele, mesmo quando uma FC tem uma posição fixa, nunca é um afixo, mas uma raiz presa.
- S. Scalise ou D. Corbin fazem uma distinção clara entre afixos, de um lado, e FCs neoclássicas (radicais para Scalise 1984, arqueoconstituintes para Corbin 2001), de outro, mesmo para os elementos de origem grega (ou latina) que não constituem unidades sintáticas em Francês (Inglês etc.). Em Corbin (2001), a distinção é baseada em um critério semântico: para ela, afixos têm um significado de instrução (são operadores), enquanto arqueoconstituintes têm um significado⁴ descritivo. Ela usa esse critério para distinguir entre *archi-*, *pré-*, *iso-*, afixos, e *phile*, *graph*, *aero*, *gastro*, arqueoconstituintes. O mesmo critério lhe permite distinguir entre dois *micro-* em Francês: o prefixo, quando *micro-* está dividido por 106, como em *microseconde* e o arqueoconstituinte com um significado adjetival em outros casos (por exemplo, em *micro-organisme* que se refere a um “organismo muito pequeno”). A única diferença entre o prefixo e o arqueoconstituinte é o tipo de significado que eles veiculam: instrução ou lexical. Em uma veia similar, Iacobini (2004) analisa FCs neoclássicas no Italiano. Ele, também, considera-os heterogêneos, mas distingue três subcategorias: FCs neoclássicas, com um significado lexical, prefixos com uma origem clássica, e um terceiro tipo, que não é rotulado, como *-crate*, *-voro* ou *-fero*, na fronteira entre lexemas e sufixos.

³ Bauer (1983: 214) observa que a noção “de um prefixo e um sufixo que ocorrer sem a raiz, portanto, leva a uma contradição”.

⁴ Corbin (2001: 44): “Cette façon de décrire le sens des affixes et leur intervention dans la construction du sens des unités construites permet de les différencier des autres unités infralexicales entrant dans la construction des mots que sont ce que j’appelle les *archéoconstituants*, c’est-à-dire les constituants empruntés au latin et au grec (ex. *brachy-* “court”, *anthropo-* “homme”, *-cide* “qui tue”), et les *fractoconstituants*, c’est-à-dire les représentants tronqués et lexicalisés comme tels d’unités française (ex. *euro-* = *Europe*) dans *eurocorps*, *eurodéputé*, *euromissile*, etc.): *archéoconstituants* et *fractoconstituants* ont un sens de nature descriptive et non instructionnelle”.

“Esta forma de descrever o significado dos afixos e seu papel semântico na construção de unidades complexas pode ser diferenciada de outras unidades infralexicais envolvidas na construção da palavra e que eu chamo de archeoconstituintes, isto é, constituintes emprestados do Latim ou Grego (por exemplo, *brachy-* “short”, *anthropo-* “man”, *-cide* “that kills”) e fractoconstituintes, ou seja, constituintes que foram encurtados e representantes de unidades lexicais em Francês (por exemplo, *euro-* = *Europe*) em *eurocorps* “euro-body”, *eurodéputé* “euro-MP”, *euromissile* “*ibid*”, etc.): archeoconstituintes e fractoconstituintes têm um sentido descritivo e não de instrução”.

Integrating neoclassical combining forms into a Lexeme-based morphology

Como sufixos, este terceiro tipo de FCs ocorre apenas em uma posição final e são produtivos. Como lexemas, têm um conteúdo lexical. Por exemplo, em *carnívoro* e *calorífero*, *-voro* e *-fero* podem ser considerados verbos com um argumento correspondendo ao constituinte à esquerda.

- Os complexos em que aparecem lembram os compostos sintéticos de línguas germânicas (*meat-eater* / *carnívoro*) e os compostos V + N das línguas românicas (*portacenere* “ashtray - cinzeiro” / *calorífero*). Para Iacobini, esse tipo de FCs forma compostos, mas não parecem ser raízes.
- Warren (1990) propõe uma análise diferente. Embora raízes e FCs tenham conteúdo lexical, FCs não são raízes, porque não correspondem a uma forma livre. Nem podem ser considerados afixos, porque pertencem a uma classe aberta. Além disso, são diferentes de sufixos, porque têm um significado lexical, e de prefixos porque (a) não precisam “ter força produtiva” (p. 123), (b) não têm a mesma forma fonética, e (c) correspondem a um modelo de palavra (por exemplo, *phyto-* / Gr: *phyton*). Assim, FCs neoclássicas são irreduzíveis às categorias dos outros sistemas de formação de palavras.

Quando nos detemos nas conceptualizações da relação entre composição neoclássica e composição “normal”, vemos que estas não são mais homogêneas do que as análises de FCs neoclássicas. Duas atitudes podem ser diferenciadas:

- As diferenças entre os dois tipos de formação são enfatizadas, cf., por exemplo, Warren (1990) ou Plag (2003). Plag, por exemplo, sublinha o fato de os compostos neoclássicos terem propriedades formais (propriedades combinatórias e fonológicas, a presença da vogal de ligação entre os dois elementos), “que os distinguem dos outros tipos de compostos” (*op. cit.*: 159).
- As semelhanças são enfatizadas, de duas maneiras diferentes:
 - Alguns estudiosos, como o Booij (1992) ou Scalise (1984), enfatizam o fato de compostos neoclássicos compartilharem algumas propriedades fundamentais com outros compostos. Por exemplo, Booij (1992: 56) afirma que os compostos não nativos “estão em conformidade com o padrão geral de composição do Holandês, em que o segundo componente é a cabeça”.
 - Outra maneira de evidenciar semelhanças entre os dois tipos de composição é mostrar que FCs neoclássicas compartilham propriedades com outros elementos, não somente com afixos ou lexemas, mas também com outros fenômenos, como *blending*, *clipping* ou *secretion*¹. Os trabalhos de Bauer (1998), Iacobini (2004) ou Lüdeling & al. (2002) seguem esta abordagem. Para Bauer (1998: 419-420), por exemplo, “composição neoclássica é um nome para uma relativa, mas não completamente arbitrária subdivisão do espaço de criação de palavras e deve ser lido como sendo um protótipo em vez de uma clara categoria”. Para o autor, a criação de palavras é concebida como um espaço

¹ Secretion é um procedimento pelo qual se cria um morfema único para que se construa, com ele, uma nova palavra, é um processo antieconômico e contra-intuitivo.

tridimensional (cujos três parâmetros são: pertencer ao léxico patrimonial (nativo versus estrangeiro), tipo de formação (simplex / derivados / compostos); grau de encurtamento) e o termo composto neoclássico é usado para rotular uma parte deste espaço.

Lüdeling & al. (2002: 253) têm muito pressupostos teóricos diferentes (em sua opinião não há diferença entre raízes e afixos), mas seus resultados são muito semelhantes aos de Bauer (pelo menos para o alemão): “não é possível encontrar uma diferença clara de princípios” entre a formação de palavras neoclássicas e nativas, porque nem propriedades fonológicas, nem diferenças na permutabilidade ou na produtividade desses elementos permitem que sejam distinguidos dos elementos nativos. De acordo com esses autores, a relação entre composição neoclássica e composição nativa tem de ser concebida como um *continuum*.

3. As ferramentas de Morfologia Lexemática

Nesta seção, vamos examinar se a morfologia lexemática está equipada para dar conta das FCs neoclássicas. Primeiro, vamos definir sucessivamente as noções de lexema e de afixos no âmbito da morfologia lexemática.

3.1. Lexemas

Desde Matthew (1974), o lexema é geralmente considerado como uma unidade lexical abstrata que possui as seguintes propriedades:

- pertence a uma lista aberta e é membro de uma grande categoria lexical, ou seja, é um substantivo, um verbo ou um adjetivo. Às vezes, a categoria de advérbio é adicionada, advérbios especialmente complexos com base em adjetivos, por exemplo, em Francês, a classe de advérbios com sufixo *-mente* (cf. FRADIN 2003: 734⁵).
- semanticamente, um lexema tem um significado constante e totalmente especificado (cf. FRADIN; KERLEROUX, no prelo).
- um lexema tem uma representação fonológica.

Enquanto as propriedades (ii) e (iii) não levantam problemas, a propriedade (i) sim: como pode uma categoria sintática ser atribuída a um elemento que não corresponde a um palavra gramatical? É possível responder a essa pergunta quando uma FC puder ser usada como base para a sufixação, como *hydr* ou *phob* nos adjetivos *hydrique* “hydric”, *phobique* “phobic”: uma vez que em Francês o sufixo *-ique* é usado para formar adjetivos de bases nominais (por exemplo, *colère / colérique* “”, *scène / scénique* _{N/A}), *hydr* e *phob* podem ser analisados como substantivos. No entanto, nem todas as FCs neoclássicas servem de base para a derivação, cf. por exemplo, *micro-* ou *-cide*. Voltaremos a esta questão na subseção 4.2.

⁵ Para discussão acerca da sufixação em *-mente* ser ou não derivacional (veja Dal 2007).

Integrating neoclassical combining forms into a Lexeme-based morphology

Devemos também destacar, e será útil para alguns de nossa análise, que um lexema pode ter uma ou várias raízes (daí os radicais), alguns deles não sendo visíveis para a sintaxe: em Francês, por exemplo, um verbo, como *démontrer* “demonstrar” tem dois radicais: *démontr-* e *démonstr-*; a particularidade de este último nunca ter realizações sintáticas e só aparecer em lexemas morfológicamente complexos, tais como *démonstration* “demonstração” ou *démonstratif* “demonstrativa”.

3.2 Afixos

Dentro deste quadro teórico, um afixo não é o mesmo tipo de elemento que um lexema. Objetos morfológicos não são o resultado da concatenação de morfemas, mas o resultado da aplicação de uma regra para lexemas. Afixos são, portanto, os expoentes de regras - como a duplicação, apofonia, e assim por diante -, o que pode ser caracterizado como realização fonética e gráfica de uma função semântica. Assim, “afixo” é uma simples maneira de dizer “expoente de regras de construção lexema” (LCR), e LCRs podem ser consideradas como generalizações entre dois conjuntos de lexemas, uma mais complexa que a outra.

4. FCS NEOCLÁSSICAS NA MORFOLOGIA BASEADA EM LEXEMA²

Tomando as noções básicas de lexema e expoente da regra / afixo, investigamos se isso é necessário para explicar os diferentes tipos de FCs neoclássicas; para tanto, analisamos quatro FCs diferentes: *lud*, *anthrop*, *micro* e *logue*, que servirão para ilustrar os diferentes tipos de análise possíveis de serem propostas no âmbito da morfologia lexemática.

4.1 “Lud”: Radical B de um Lexema com Múltiplos Radicais

Lud- tem pelo menos duas características especiais: sempre aparece em posição inicial e significa “jeu” (“jogo”) em lexemas complexos em que aparece: **LUDI**QUE “relativo a jogo, lúdico, brincalhão”, **LUDOT**HÈQUE (“biblioteca de jogos”), **LUDICI**EL (“software de jogos”)⁶.

Seguindo a linha de Fradin (2003), que define o lexema como uma entidade multiestratal incluindo cinco tipos de informação (grafêmica (G), fonológica (F), sintático (SX), morfológica (M) e semântica (S)), cada uma independente da outra, vamos considerar que *lud* é um dos radicais do lexema JEU (“jogo”). Essa análise é apoiada pelo fato de que as formas *jeu* e *lud* aparecem em distribuição complementar em lexemas complexos: *jeu* aparece em posição final (**ANTI**JEU, “jogo que é a antítese do que é normalmente considerado um jogo”, **INTER**JEU (“entrejogos”), **CONTRE**-JEU (“jogo defensivo”), e *lud* em posição inicial (**LUDI**QUE, **LUDOT**HÈQUE, **LUDICI**EL).

Nossa hipótese é que a escolha de *jeu* ou *lud* tem um motivo fonológico e é parte de uma estratégia para encontrar a forma correta do *output* na construção lexical. O radical *jeu*, com o padrão fonológico CV, não é um *input* bom, especialmente porque a maioria dos sufixos adjetivais franceses começa por uma vogal (*-ique* [ik], mas também *-aire* [ɛR], *-al* [ɑ], *-eux* [ø], *-el*

⁶ Excluímos aqui **PRÉLUDE** (do Latim PRAELUDIM), **INTERLUDE** e **POSTLUDE**, que formam um conjunto, **PRÉLUDE**R e **ELUDE**R, herdados do Latim PRAELUDARE e ELUDARE.

[el] etc.) Para evitar formas como **jenique* ou **jenthèque*, a forma supletiva *lud* (cujo padrão fonológico é CVC) é a preferida. Nessa perspectiva, *jeu* e *lud* diferem apenas em suas formas grafêmicas e fonológicas, mas, uma vez que pertencem ao mesmo lexema, a questão da identidade categórica de *lud* (é um substantivo ou não?) simplesmente não se coloca.

A figura 1 propõe uma representação desta análise. Na Figura 1, de acordo com Fradin (2003), “#” indica a forma de citação do radical; o círculo precedendo *lud* indica que essa forma não aparece de modo independente na sintaxe; “res.: init.”, que *lud* é reservado para a posição inicial:

JEU	A	B
	(G)	jeu# °lud#
	(F)	[ʒø] [lyd]
	(SX)	← c a t : n →
	(M)	res.:init.
	(S)	← j e u “ →

Figure 1.

O mesmo tratamento é proposto para:

- (i) outras FCs neoclássicas, como *pyr* (“fogo”), interpretada como um radical B do lexema FEU ([fø]), cf. ALLUME-FEU (“fogo alto”), COUPE-FEU (“cortador de fogo”), COUVRE-FEU CONTRE-FEU (“contra-fogo”), PARE-FEU (“corta-fogo”) vs PYROGÈNE (“pirogênico”), PYROGRAVURE (“quadro de fogo”), PYROMANE (“piromaníaco”), PYROLYSE (“pirólise”).
- (ii) outros tipos de FCs, denominados “fractomorphèmes” por Tournier (1985), “Fractoconstituants”, por Corbin & Paul (2000), “fractoformants” por Fradin (2000), isto é, constituintes como *pétro-* em PETRODOLLAR (“petrodólar”): *pétro* é um radical B do lexeme PÉTROLE.

4.2. “Anthrop”: Radical B de um lexema com Radicais Múltiplos ou Único Radical de um Lexema sem palavra gramatical associada?

O caso de *anthrop* é menos simples. Embora semanticamente seja possível considerá-lo um radical supletivo radical para o lexema HOMME (“homem”), o argumento baseado na distribuição complementar posicional, usado no caso de *lud* vs. *jeu*, não se sustenta, uma vez que *anthrop* e *homme* podem aparecer em posição inicial (ANTHROPOMÉTRIE, “antropometria”, HOMMESANDWICH, “sandwicheiro”) ou em posição final (MISANTHROPE, “misantropo”, SURHOMME, “superhomem”). Por outro lado, se considerado como a única forma grafêmica e fonológica do lexema ANTHROP leva a dificuldades na definição do lexema como o resultado da abstração da marca flexional (cf. as definições de Fradin 2003: 102), uma vez que, por definição, uma forma combinatória nunca aparece na sintaxe. Assim, essa solução requer, pelo menos, uma revisão da noção de lexema, como a proposta por Booij (2002: 141) ou em Fradin e Kerleroux (no prelo), que definem o lexema como “l’entité linguistique qui sert de base de aux RCL”, (“a entidade linguística que é a base da LCR”), independentemente de qualquer realização sintática. Desse ponto de vista, *anthrop*, que pode ser sufixada por *-ique* (ANTHROPIQUE, “antrópico”), é um substantivo, pois *-ique* cunha adjetivos relacionais de

Integrating neoclassical combining forms into a Lexeme-based morphology

bases nominais (por exemplo, COLÉRIQUEA, “colérico” < COLÈREN, “fúria”; ALGÉBRIQUEA, “algébrico” < ALGÈBREN, “álgebra”).

No entanto, considerar *anthrop* como um radical B de um lexema é, em nossa opinião, uma melhor solução, uma vez que isso nos permite lidar com outra forma supletiva de HOMME, *homin*-. Acreditamos que *anthrop*- e *homin*- podem ser considerados, respectivamente, radicais B e C de HOMME. A escolha depende em grande parte do registro de língua do especialista e, possivelmente, até da origem dos constituintes: *homin*- tende a ser usado na biologia (HOMINAL “*ibid.*”, HOMINICOLE, “que vive num corpo humano”) ou em Zoologia (HOMINIDÉS, “hominídeo”, HOMINIENS, “humanização”), em conjunto com os constituintes de origem latina, enquanto *-anthrop*- aparece em uma ampla variedade de campos – geografia (ANTHROPOGÉOGRAPHIE, “antropogeografia), esoterismo (ANTHROPOSOPHIE, “antroposofia”), e assim por diante – em conjunto com os constituintes de origem Grega. Assim como HOMME, *homin*- aparece em compostos nativos.

A representação dessa análise para *-anthrop*- e *homin*- aparece na fig. 2.

HOMME		A	B	C
	(G)	homme [#]	°anthrop [#]	°homin [#]
	(F)	[ɔm]	[ãntɔp]	[ɔmin]
	(SX)	← c a t : n →		
	(M)	res:gr.	res:lat.	
		res: biology/zoology		
	(S)	←“homme” (as representative of mankind)→		

Figure 2

No entanto, também propomos uma representação de outro tipo de análise (fig. 3), que consiste em considerar *-anthrop*- a um lexema sem uma palavra gramatical:

ANTHROP		(G)	°anthrop [#]
		(F)	[ãntɔp]
		(SX)	c a t : n
		(M)	
		(S)	anthrop [#]

Figure 3

“Micro”: O Expoente de uma LCR

Acerca de *micro*- como o expoente de uma LCR, ou seja, como um prefixo, implica que este constituinte foi submetido a um processo de gramaticalização, conforme definido por Olsen (2000: 901):

Uma palavra originalmente livre que entrou em um composto pode servir como base para um padrão de compostos como todo. Quando esse padrão se estabelece e se torna produtivo, o constituinte originário pode começar a afastar-se do seu equivalente livre em forma ou significado e se desenvolver em um elemento quase afixo.

Katia Emmerick ANDRADE; Carlos Alexandre GONÇALVES

Na verdade, a evolução de *micro-* satisfaz os critérios de gramaticalização (cf. por exemplo, Heine *et al.* 1991, Hopper e Traugott 1993, Lehmann 1995):

- (i) se origina de um adjetivo grego, MIKROS, cujo significado era “pequeno, curto”
- (ii) perdeu sua autonomia sintática em Francês
- (iii) o seu significado - ou, mais precisamente, o significado da LCR está associado com - é em parte diferente de MIKROS em Grego.

Micro- sempre tem um papel quantitativo:

- Na maioria das vezes, aplica-se à totalidade do que o substantivo localizado à sua direita denota e indica que seu referente é menor do que o padrão, como em MICROFILM (“microfilme”) ou MICRO-ORGANISME (“micro-organismo”), o que significa, respectivamente, “filme/molécula de um tamanho muito pequeno”. No entanto, às vezes *micro* não se aplica à totalidade do referente, mas apenas para uma de suas dimensões, como em MICROCHIRURGIE (“micro-cirurgia”) ou MICROÉCONOMIE (“micro-economia”). MICROCHIRURGIE não denota “pequena cirurgia”, mas uma “espécie de cirurgia preocupada com as estruturas muito pequenas, feita com muito instrumentos muito pequenos, muitas vezes utilizando um “microscópio””. Como para MICROÉCONOMIE, que é o “ramo da economia que estuda os fenômenos econômicos limitados”.
- Quando *micro-* está ligado a um substantivo de medição, cf. por exemplo, em MICROFARAD “*ibid*” ou MICROSECONDE (“microsegund”), significando um milionésimo da unidade denotada pelo substantivo, FARAD ou SECONDE.

Uma vez que essas duplas interpretações são possíveis, Corbin (1992) propõe uma dupla análise de *micro-*: *micro-* é um arqueoconstituente adjetival (mais ou menos uma raiz presa) na primeira interpretação (casos de MICROFILM ou MICROCHIRURGIE) e é um prefixo, na segunda interpretação (caso de MICROSECONDE). Corbin (1992; cf. também 2001) considera ainda que, em um nível mais abstrato, é fundamentalmente o mesmo elemento, cujo comportamento e papel semântico variam de acordo com o tipo de substantivo a que ele está conectado.

Embora esta análise seja interessante, nós acreditamos que é possível dar conta do comportamento semântico de *micro-* de uma maneira mais simples, na medida em que se comporta basicamente em Francês como *-et*, que é um expoente de uma LCR. Isso fica muito claro se compararmos palavras complexas, tais como: CLOCHE'TTE (“pequeno sino”) e MICRO-ORGANISME (“organismo muito pequeno organismo”); RÉFORME'TTE (“reforma que diz respeito apenas a problemas limitados”) e MICROÉCONOMIE (“ramo da economia que estuda os fenômenos econômicos limitados”). Os significados dos complexos formados por *-et* e *micro-* são muito semelhantes. Por que, então considerar *-et* como um afixo e *micro-* não? *Micro-* comporta-se, de fato, como um afixo:

- em todas as interpretações, *micro-* tem um significado quantitativo;
- variações na interpretação são decorrentes do significado da base: se é um substantivo de medição ou não, se é um substantivo que se refere a uma entidade com um extensão espacial ou não, etc. Não diferindo desta forma de um sufixo como *-et*.

Integrating neoclassical combining forms into a Lexeme-based morphology

Possíveis argumentos contra esse tipo de análise de *micro-* parecem basear-se em vários fatores: o conhecimento etimológico, a presença da vogal *-o* no final de *micro* e o fato de que os lexemas com *micro-* muitas vezes pertencem a um léxico aprendido, embora isso nem sempre ocorra, cf. *microdécision*, *micro-ordinateur* etc. No entanto, se levarmos em conta a competência de um falante banal (que desconhece a etimologia), parece melhor considerar *micro-* como um prefixo em Francês moderno.

Para o Francês, outros componentes podem ser analisados da mesma forma: *macro-*, *mini-*, *mega-*, *maxi-*, etc. Também é possível estender a análise aos componentes estrangeiros, como (Ingl.) *free*, (Germ.) *frei*, (Holandês) *vrij*, que aparecem, respectivamente, em TAX-FREE, FEHRLERFREI “lit. without error, perfect”, AUTOVRIJ lit. “without car, “no car traffic”: esses constituintes, que foram originalmente adjetivos, também vêm sendo gramaticalizados e se mantendo como expoentes de uma LCR que forma adjetivos cujo significado é caracterizado pela ausência do que denota o lexema-base.

-logue em nomes de especialistas: um sufixo?

O comportamento de *-log-* ([lɔg]) é complexo no Francês moderno, pois se apresenta de duas maneiras distintas:

- (i) Aparece em lexemas, como LOGOPATHIE (“deficiências da fala, da linguagem”), LOGOMACHIE (“discussão sobre as palavras”), DIALOGUE (“diálogo”) ou MISOLOGUE (“alguém que odeia a argumentação, um inimigo do método científico”). *Log-*, nesses casos, aparece em posição inicial (LOGOPATHIE, LOGOMACHIE) ou final (DIALOGUE, MISOLOGUE), e significa “fala, discurso”, ou seja, mantém o significado que o substantivo deverbal *lógos* tinha em Grego antigo. Em Francês moderno, este *-log-* ainda é usado para formar lexemas complexos aprendidos, mas somente em posição inicial: LOGOPATHIE (“logopatia”) mas também LOGOPHASIE (“logofasia”), LOGOPHILE (“logófilo”), LOGOMORPHISME (“logomorfismo”), LOGOSPHERE (“logosfera”) etc. Todos os lexemas em que aparece em posição final (DIALOGUE, MISOLOGUE) são emprestados do Grego.
- (ii) Também aparece, somente em posição final, em nomes de especialistas, como PSYCHOLOGUE (“psicólogo”), SISMOLOGUE (“sismólogo”), DERMATOLOGUE (“dermatologista”), EGYPTOLOGUE (“egiptólogo”), DÉCLINOLOGUE (“especialista em declínio”)”⁷ etc. Este *-logue* não significa “fala, discurso”; constitui a estrutura de um grande número de lexemas e atualmente está sendo usado na cunhagem de muitos neologismos como DÉCLINOLOGUE, FUTUROLOGUE (“futurólogo”) ou BOBOLOGUE⁸.

Propomos considerar estes dois *log* como diferentes: [lɔg]₁, (= *-log-* < *logós*), que se comporta mais ou menos como *-anthrop-*, ou seja, é um radical B de um lexema, o qual não vamos estudar neste trabalho. Vamos concentrar-nos em [lɔg]₂ (= *-logue* < *lógos*), que não funciona da mesma forma que [lɔg]₁, mas cujo *status* ainda não foi estabelecido. Em Grego antigo, *lógos*, que vem de *-logue*, era uma

⁷ Esta palavra é um neologismo usado frequentemente nos dias atuais pela mídia francesa em um sentido irônico para se referir ao “especialistas / experts” que consideram a França um país em declínio e que são sempre negativos em seus julgamentos sobre o país.

⁸ *Bobo* em *bobologue* é uma espécie de sigla formada de *BO*urgeois “middle-class - classe média” e *BO*hême “bohemian / unconventional” que denota um grupo social. Um *bobologue* é um “especialista” em pessoas inseridas neste grupo social.

Integrating neoclassical combining forms into a Lexeme-based morphology

forma presa conectada ao verbo *légo* “falar, dizer”, e apareceu em lexemas como ἀστρολόγος (> fr. ASTROLOGUE, “astrólogo”), μυθολόγος (> fr. MYTHOLOGUE “mitologista”); a partir desses lexemas recebeu uma interpretação agentiva (ἀστρολόγος “um homem que fala sobre as estrelas”, μυθολόγος “alguém que compõe mitos / lendas”). Este tipo de substantivo foi, portanto, considerado como tendo uma estrutura NV.

Em Francês moderno, tal análise não é mais válida, pelo menos ao tentar dar conta da competência de um falante *run-of-the-mill* (comum, banal), frequentemente não grecófono: hoje, substantivos como PSYCHOLOGUE, DÉCLINOLOGUE ou FUTUROLOGUE não são percebidos como tendo um verbo em sua estrutura, nem têm uma interpretação agentiva. O comportamento de *-logue* parece muito diferente de constituintes como *-cide*, *-vore*, *-phile*, *-fere* etc., em, por exemplo, insecticide (“insecticida”), publivore (“devorador de publicidade”), CINÉPHILE (“cinéfilo”) ou FLORIFÈRE (“florífero”). Em Francês moderno, esses constituintes mantêm a interpretação verbal que tinham no Grego / Latim antigos e têm um predicado-argumento relacionado com o constituinte à sua esquerda. Eles correspondem (cf. Iacobini (2004), citado § 2) à estrutura de compostos nativos VN (*florifère* / *porteplume* “florífero”; *insecticide* / *tue-mouche* “inseticida”. No entanto, enquanto compostos nativos são em sua grande maioria nomes⁹, compostos neoclássicos são uniformemente compostos¹⁰.

Se *-logue* não é um verbo em nomes de especialistas, qual é o seu *status*: radical de um lexema ou um expoente de uma LCR? A primeira suposição levanta problemas porque em Grego antigo, *logos* era uma forma presa: assim, temos a hipótese de que houve um processo de reanálise em que, pouco a pouco, em lexemas *Xlogue*, a forma verbal presa foi reinterpretada como forma nominal, cujo significado primeiro era “falante”, e depois “especialista”. A partir desta perspectiva, os lexemas complexos *X-logue* têm uma estrutura N2N1, em que N1 é o determinado e N2, o determinante, o que denota um hipônimo complexo de N1. Todavia, um problema ainda permanece: o substantivo *-logue* é um radical de um lexema que não tem uma realização sintática ou um radical B de SPÉCIALISTE?

O segundo pressuposto é mais fácil de ser apoiado: a partir de um ponto de vista sincrônico, *-logue* é expoente de uma LCR que forma substantivos para denotar especialistas, assim como *-iste* em, por exemplo, PIANISTE (“pianist”), DENTISTE (“dentist”) ou CHIMISTE (“químico”). De um certo ponto de vista, é possível dizer que, nesses lexemas, *-iste* também significa “especialista”, o que não nos impede de considerá-lo um sufixo. Visto que *-logue* e *-iste* se comportam da mesma forma, consideramos *-logue* um sufixo tanto quanto *-iste*. Na figura 4, propomos uma representação dessa análise:

	SIMPLE	COMPLEX
(G)logue
(F)	[...]	[...lɔg]
(SX)	cat:n	cat::n
(S)	Specialist of the object denoted by the simple	

Figure 4.

⁹ Em compostos VN em Francês, cf. Villoing (2002).

¹⁰ Para uma comparação entre composição VN e NV em Francês, ver Namer & Villoing (no prelo).

Integrating neoclassical combining forms into a Lexeme-based morphology

CONCLUSÃO

A análise proposta neste trabalho nos permite lançar luz sobre alguns pontos cruciais:

- Nem todos as FCs neoclássicas podem ser analisadas da mesma maneira; sobre este ponto, estamos de acordo com Iacobini (2004).
- As ferramentas da morfologia lexemática são suficientes e adequadas para a análise de FCs neoclássicas (pelo menos as examinadas aqui): esses elementos podem ser expoentes da LCR (*micro-* e *-logue*) ou radicais supletivos de um lexema, usados em contextos restritos (*lud-*, *-anthrop-*).
- FCs neoclássicas, embora muito seja feito de sua hetero-lexicalidade, são integradas facilmente no léxico patrimonial.

No entanto, nossa análise também revela (pelo menos) dois pontos fracos: (i) no estado corrente de nosso conhecimento, a distinção não pode ser feita entre alomorfa e supletiva (na análise desse tipo, tudo é supletivo), e (ii) o problema da diferença de ordem entre composição neoclássica (determinante + determinado) e composição nativa (determinado + determinante), em Francês, assim como em outras línguas modernas, continua pendente, especialmente quando se afirmam que FCs neoclássicas estão integradas no léxico patrimonial. Vamos discutir o problema (ii) em Amiot e Dal (no prelo).

Há, entretanto, um fator que a morfologia lexemática não pode dar conta: as fases de transição pelas quais um lexema passa a afixo na evolução diacrônica, porque os lexemas e os expoentes de regras (afixos) são concebidos para serem de natureza diferente. Nos casos de *micro-* e *-logue*, a análise não levantou quaisquer problemas particulares, porque esses dois elementos são bem gramaticalizados como expoentes de LCR, mas isso nem sempre acontece: por exemplo, com FCs como *-cide*, *-vore* ou *-phage*, que compartilham algumas características com lexemas e outras com afixos (cf. IACOBINI, 2004). A teoria certamente precisa ser aperfeiçoada, para que problemas desse tipo sejam resolvidos.

REFERÊNCIAS

- BAUER, Laurie (1979). "Against Word-Based Morphology." *Linguistic Inquiry* 10/3, 508-509.
- BAUER, Laurie (1983). *English Word-Formation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BAUER, Laurie (1998). "Is there a class of neoclassical compounds, and if so, is it productive?" *Linguistics* 36/3, 403-422.
- BOOIJ, Geert (1992). "Compounding in Dutch." *Rivista di Linguistica* 4/1, 37-59.
- BOOIJ, Geert (2002). *The Morphology of Dutch*. Oxford: Oxford University Press.
- CORBIN, Danielle (1992). "Hypothèses sur les frontières de la composition nominale." *Cahiers de grammaire* 17, 26-55.
- CORBIN, Danielle (2001). "Préfixes et suffixes : du sens aux catégories." *Journal of French Language Studies* 11/1, 41-69.
- CORBIN, Danielle (2004). "French (Indo-european: Romance)." In G. Booij, Ch. Lehmann, J. Mugdan and S. Skopeteas (eds), *Morphologie / Morphology*. Ein internationales Handbuch zur Flexion

Integrating neoclassical combining forms into a Lexeme-based morphology

und Wortbildung / An International Handbook on Inflection and Word-Formation. vol. 2, Berlin / New York: Walter de Gruyter, [Article 121], 1285-1299.

CORBIN, Danielle and Paul, Jérôme (2000). “Aperçus sur la créativité morphologique dans la terminologie de la chimie.” *La banque des mots* 60, 51-68.

DAL, Georgette (2007). “Les adverbes en -ment du français : flexion ou dérivation ?” In N. Hathout and F. Montermini (eds), *Morphologie à Toulouse. Actes du colloque international de morphologie 4e Décembrettes*. München: Lincom Europa, 121-147.

FRADIN, Bernard (2000). “Combining Forms, Blends and Related Phenomena.” In U. Doleschal and A. Thornton (eds), *Extragrammatical and Marginal Morphology*. München: Lincom Europa, 11-59.

FRADIN, Bernard (2003). *Nouvelles approches en morphologie*. Paris: Presses Universitaires de France.

FRADIN, Bernard and Kerleroux, Françoise (forthcoming). “L’identité lexémique.” In B. Fradin, F. KERLEROUX and M. PLÉNAT (éds.), *Aperçus de morphologie du français*. Paris: Presses Universitaires de Vincennes.

HEINE, Bernd, Claudi, Ulrike and Hünemeyer, Friederike (1991). *Grammaticalization*. Chicago: Chicago University Press.

HOPPER, Paul and Traugott, Elizabeth C. (1993). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

IACOBINI, Claudio (2004). “Composizione con elementi neoclassici.” In M. Grossmann and F. Rainer (eds), *La formazione delle parole in italiano*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 69-95.

KERLEROUX, Françoise (2006). “Les théories morphologiques à la fin du XXe siècle.” In S. Auroux, K. Koerner, H.-J. Niederehe and K. Versteegh (eds), *Histoire des sciences du langage*. Berlin / New-York: de Gruyter, [article 242], 2313-2324.

LEHMANN, Christian (1995). *Thoughts on Grammaticalization*. München / Newcastle: Lincom Europa.

LÜDELING, Anke, Schmid, Tanja and Kiokpasoglou, Sawwas (2002). “Neoclassical Word Formation in German.” *Yearbook of Morphology 2001*, 253-283.

MATTHEWS, Peter H. (1974). *Morphology. An Introduction to the Theory of Word-Structure*. Cambridge: Cambridge University Press.

NAMER, Fiammetta and Villoing, Florence (forthcoming). “Have Cutthroats to Do with Tracheotomes? Distinctive Properties of VN vs NV Compounds in French.” *On-line Proceedings of the Fifth Mediterranean Morphology Meeting (MMM5) Fréjus 15-18 September 2005*. University of Bologna.

OLSEN, Susan (2000). “Composition.” In G. Booij and al. (eds), *Morphologie / Morphology*. Berlin: Mouton de Gruyter, [article 87], 897-916.

PLAG, Ingo (2003). *Word-Formation in English*. Cambridge: Cambridge University Press.

SCALISE, Sergio (1984). *Generative Morphology*. Dordrecht (Holland) / Cinnaminson (U.S.A.): Foris Publications.

TOURNIER, Jean (1985). *Introduction descriptive à la lexicogénétique de l’anglais contemporain*. Paris / Genève: Champion / Slatkine.

Integrating neoclassical combining forms into a Lexeme-based morphology

VILLOING, Florence (2002). Les mots composés [VN]N/A du français: réflexions épistémologiques et propositions d'analyse. Thèse de doctorat. Université de Paris X-Nanterre.

WARREN, Beatrice (1990). "The Importance of Combining Forms." In W. Dressler et al. (eds), *Contemporary Morphology*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 111-132.

WILLIAMS, Edwin (1981). "On the Notions Lexically Related" and "Head of a Word". *Linguistic Inquiry* 12, 245-274.